

Governo detalha ações contra cheias no RS

Órgãos estendem alerta de chuvas extremas até amanhã; esta terça deve ser o dia mais crítico no cenário meteorológico

/ CLIMA

Jamil Aiquel

jamil@jcrs.com.br

Em meio a novos alertas para volumes expressivos de chuvas que podem superar a marca de 150 milímetros, o governo do Estado realizou ontem uma coletiva de imprensa no Palácio Piratini. O evento, liderado pelo governador Eduardo Leite, contou com participação do prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, do coordenador estadual da Defesa Civil, coronel Luciano Boeira, entre outras autoridades, e serviu para atualizar os prognósticos meteorológicos. Na ocasião, os gestores aproveitaram para defender suas ações frente às críticas sobre a infraestrutura de proteção e as respostas do poder público aos desastres recentes.

Leite afirmou “ser impossível eliminar 100% dos transtornos causados pelas tempestades.” Ele afirmou que buscou eximir a gestão de promessas irrealistas e comparou o Rio Grande do Sul a potências internacionais, citando enchentes recentes que castigaram cidades pelo mundo. Segundo o governador, locais como Chile, Uruguai, Nova York (EUA) e Xangai (China) também sofreram inundações severas recentemente. Além disso, foi categórico ao afirmar que quem promete anular totalmente os impactos extremos está “mentindo à sociedade”.

“Eventos climáticos extremos trarão algum grau de transtorno e impacto ao Estado, como traz em qualquer lugar do mundo. A preparação não é simplesmente es-

tarmos blindados para que nada aconteça. Os impactos existem e nos preparamos não apenas para evitar os eventos climáticos, mas para evitar desastres com o foco da atuação do poder público, na perda de vidas”, declarou.

Em relação ao cenário meteorológico da crise, Bruno Ribeiro, especialista do Centro de Operações da Defesa Civil, alertou para a continuidade das instabilidades até amanhã, apontando esta terça-feira como o dia de maior criticidade.

Segundo o meteorologista, os acumulados de precipitação podem superar a expressiva marca de 150 milímetros, acompanhados de rajadas de vento intenso e queda de granizo grande. Ele frisou, no entanto, a elevada divergência atual entre os modelos matemáticos: enquanto a projeção europeia indica volumes críticos na faixa central e em direção à Região Metropolitana, o modelo norte-americano aponta o Sul do Estado e a Região da Campanha como os alvos da chuva pesada.

Traduzindo esses prognósticos instáveis para a realidade das bacias hidrográficas, a hidróloga Vanderleia Schmitz apresentou mapas de monitoramento que já classificam áreas da Região Oeste do Rio Grande do Sul em vermelho, indicando situação de inundação em curso.

A especialista advertiu que, caso o cenário mais severo se confirme, o risco de transbordamento dos rios se expandirá desde o Oeste até a Região Central do Estado ao longo da semana.

Contudo, ela ressaltou que a elevação das águas dependerá es-

tritadamente da localização exata, do tempo de duração e do volume final da chuva que efetivamente cair, evidenciando que as comunidades mais vulneráveis permanecem à mercê das incertezas do clima.

O coronel Boeira, por sua vez, utilizou seu espaço para listar as ações feitas até agora na mitigação de riscos. O coordenador citou a quadruplicação do efetivo da Defesa Civil e a criação de uma política estadual inédita para estabelecer as diretrizes e a governança de proteção. Na área de inteligência, ressaltou que o centro de monitoramento passou a operar 24 horas por dia, sete dias por semana, dobrando o número de meteorologistas e ampliando a equipe de hidrólogos de dois para oito profissionais.

Ele também elencou a oferta de capacitações aos 497 municípios gaúchos em áreas como sistemas de comando de incidentes, a expansão do mapeamento de risco, que saltou de 60 para 134 municípios avaliados, englobando mais de mil áreas críticas, e o fato de que todas as cidades finalmente entregaram seus planos de contingência, que já foram diagnosticados pelo Estado.

No campo tecnológico, além de um radar já operando em Porto Alegre, destacou os investimentos em modelos hidrológicos, a compra de 130 estações hidrometeorológicas, o aprimoramento na emissão de alertas via SMS e redes sociais, e a aquisição de três novos radares de longo alcance para o interior (Alegrete, Soledade e Pelotas).

Por fim, Boeira enfatizou a



REPRODUÇÃO/VITOR ROSA/SECOM/JC

Leite afirmou ser ‘impossível eliminar 100% dos transtornos causados’

nova capacidade de logística e antecipação do governo. No entanto, a ressalva de que falhas e danos ainda ocorrerão esteve presente. “Nós não estamos blindados, mas nós estamos desde o grande evento que nós tivemos lá em 2024 trabalhando na preparação”, reforçou o coronel.

O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, ressaltou que a gestão da crise climática é uma responsabilidade tripartite (municipal, estadual e federal) e exige grandes volumes de dinheiro, criticando a falta histórica de investimentos na infraestrutura de drenagem urbana no País.

Rebatendo diretamente as acusações de negligência ou paralisia em relação ao sistema de contenção de cheias da Capital, ele listou obras emergenciais em diques e casas de bombas, demandando que a transição climática também venha acompanhada de recursos financeiros.

“Dizer que não foi feito nada

até agora, isso no mínimo é irresponsabilidade. Foi feita muita coisa, muita coisa vai ser feita”, ressaltou.

Melo enfatizou que o trabalho de proteção contra cheias é contínuo e a longo prazo, pontuando que regiões desprotegidas da cidade, como o Guarujá, estão recebendo projetos emergenciais enquanto aguardam soluções definitivas.

Ontem, a chuva intensa retornou ao Estado mais uma vez. A cidade de Dom Pedrito apresentou sinais de alagamentos em diversas áreas. Conforme a Defesa Civil, o município registrou uma média de 50 milímetros. Apesar da água ter entrado em algumas residências e estabelecimentos, não há registros de desalojados ou desabrigados. Além disso, o Rio dos Sinos, em São Leopoldo ultrapassou a cota de inundação às 18h15min, chegando a 4,51 metros. O nível do Rio Jacuí, em Cachoeira do Sul também ultrapassou a cota, às 18h, quando marcava 9,03 metros.

América Latina fica de fora, pela terceira vez, de acordo de genéricos contra o HIV

/ SAÚDE

A resposta global ao HIV vive hoje um dilema: de um lado, avanços científicos como as tecnologias de prevenção de ação prolongada, como cabotegravir e lenacapavir, administrados a cada dois ou seis meses; do outro, preços impagáveis e cortes de financiamento internacional, que já reduzem drasticamente a entrega desses mesmos avanços às pessoas que mais precisam deles.

A América Latina vive essa contradição de forma direta: apesar de participar dos estudos clínicos dessas novas tecnologias, pela terceira vez seguida a região ficou

fora de um acordo internacional de produção de genéricos que ampliaria o acesso a uma tecnologia contra o HIV.

“Acho que, em nível global, a gente está vivendo um dilema terrível, terrível”, disse à reportagem Beatriz Grinsztejn, médica infectologista e pesquisadora brasileira, atual presidente da IAS (International Aids Society), durante congresso internacional de Aids, que acontece no Rio de Janeiro.

Grinsztejn é a primeira mulher latino-americana a chefiar a entidade e chefia o Laboratório de Pesquisa Clínica em IST e Aids do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (Fiocruz), no Rio.

Segundo ela, mesmo os países que já têm acordos de compra a preços baixos enfrentam entrega muito aquém do necessário. O impacto dos cortes recai com mais força sobre populações-chave e sobre crianças. Dentro das regras do PEPfar, o programa americano de combate à Aids, a PrEP (profilaxia pré-exposição) só está disponível para gestantes, o que vem gerando protestos de ativistas durante o evento.

Nem mulheres em idade reprodutiva fora da gravidez podem acessá-la por meio dos serviços financiados pelo programa. Também houve queda expressiva no número de crianças cobertas por

tratamento antirretroviral. “Estamos às portas de situações muito dramáticas que podem vir a acontecer caso não se restitua esse fluxo de recursos”, disse.

O dilema entre inovação e desfinanciamento também afeta a América Latina. Na semana passada, por exemplo, foram assinados acordos de licenciamento do MK-8527, droga da Merck batizada agora de Alimatravir, com produtores genéricos em 129 países, incluindo três fábricas na África - enquanto a América Latina, novamente, ficou de fora.

A região já havia sido excluída de acordos semelhantes para o cabotegravir injetável e para o le-

nacavavir. “Essa é também uma questão nova que surgiu na sexta-feira e que demonstra que pela terceira vez a gente fica fora dos acordos de produção de acesso aos genéricos”, afirmou Grinsztejn.

Grinsztejn fez questão de esclarecer que a exclusão dos acordos de genéricos não significa que os voluntários dos estudos clínicos realizados no Brasil - como o Expressive 11, que testa o Alimatravir - fiquem sem acesso ao medicamento. “Os voluntários dos estudos estão cobertos”, disse. O problema, segundo ela, é estrutural: sem participar das pesquisas clínicas, a região se distanciaria ainda mais do acesso a essas tecnologias.